

Tópico em posição pós-verbal no português brasileiro

(Topic in postverbal position in Brazilian Portuguese)

Fernanda Rosa da Silva¹

¹Faculdade de Filosofia Ciências e Letras – Universidade de São Paulo (USP)

fernandarosa@usp.br

Abstract: This paper investigates the semantics and pragmatics inferences in Brazilian Portuguese (BP) contexts which contains constituents with the informational function of topic postponed to the verb of the sentence. More precisely, this approach aims to answer the following questions: (i) Is it possible a post verbal topic structure in BP? (ii) Which discourse strategies occur in these answers? (iii) Why does the speaker choose a structure with the subject in the post-verbal position?

Keywords: Topic; Right Dislocation; Discourse Strategies; Information Structure.

Resumo: Este artigo procura investigar as inferências semânticas e pragmáticas de contextos do português brasileiro (PB) que contenham constituintes com função informacional de tópico em posição posterior ao verbo da sentença. Mais precisamente, esta pesquisa procura responder às seguintes questões: (i) Em PB é possível uma estrutura de tópico pós-verbal? (ii) Quais as estratégias do discurso ocorrem nesse tipo de resposta? (iii) Por que o falante opta por utilizar uma estrutura com o sujeito na posição pós-verbal?

Palavras-chave: Tópico; Deslocamento à Direita; Estratégias do Discurso; Estrutura Informacional.

Introdução

Em português brasileiro (PB), diferentemente de outras línguas como, por exemplo, o português europeu (PE), parece ser possível uma sentença em que o NP (*nominal phrase*) sujeito com função informacional de tópico esteja na posição pós-verbal da sentença. Observe os contextos a seguir:

- (1) A: Onde estão os livros?
B: Estão na mesa, *os livros*.
- (2) A: O que aconteceu com o vaso?
B: Quebrou, *o vaso*.

Nos contextos acima, o falante poderia optar por responder a pergunta com uma sentença respeitando a ordem linear. Para (1), a resposta seria “(Os livros) estão na mesa”. E para (2), o falante poderia responder simplesmente “(O vaso) quebrou”. No entanto, em português brasileiro parecem ser possíveis tanto respostas com a ordem de palavras canônica, SVO, quanto as dadas nos contextos em que o sujeito ocorre na posição pós-verbal. Neste caso, o constituinte possui a função de tópico, informação já dada pela pergunta. Constituintes com essa função geralmente assumem uma posição da periferia esquerda da sentença. Entretanto, nesses casos, o constituinte que representa a informação já presente no contexto ocupa a posição pós-verbal, que em português europeu, por exemplo, é reservada a constituintes com função de foco, informação nova.

Diante desses dados, procurarei responder às seguintes perguntas: (i) Em PB é possível uma estrutura de tópico pós-verbal? (ii) Quais as estratégias do discurso estão em jogo nesse tipo de resposta? (iii) Por que o falante opta por utilizar uma estrutura com o sujeito na posição pós-verbal?

A hipótese é que em português brasileiro esse tipo de estrutura é permitida graças à articulação da estrutura informacional, em que elementos semântico-pragmáticos licenciam estruturas sintáticas como essa (ERTESCHIK-SHIR, 2007; ROBERTS, 1996; BÜRING, 1999, 2003).

O artigo busca, então, uma explicação para tal fenômeno, baseando-se em trabalhos na interface semântica e pragmática como Carlson (1983) e Roberts (1996).

Para a análise dessa proposta, serão levantadas algumas sentenças de tópico pós-verbal e verificadas em quais contextos são apropriadas. Será apresentada uma proposta semântico-pragmática geral para explicar esse fenômeno.

O artigo está organizado da seguinte forma: na primeira seção serão apresentados os dados do português europeu (COSTA, 2000) e as possibilidades de ordem de palavra nessa língua, comparando os dados com o PB. Na seção seguinte, serão apresentadas algumas considerações e conclusões de pesquisas que já investigaram o sujeito pós-verbal em PB. Após, serão analisadas as sentenças que são objeto deste estudo a partir de uma perspectiva semântico-pragmática. Por fim, serão apresentadas as conclusões em relação a este estudo.

Conceitos de tópico e foco

Antes de discutir a proposta de sintagma pós-verbal dada por Costa (2000) para o português europeu, apresentarei, resumidamente, os conceitos de tópico e foco que assumo neste trabalho. Baseando-se em Chomsky (1971), considera-se que para cada sentença existe um par (F,P), F de foco e P, pressuposição, que corresponde ao tópico. Os elementos *foco* e *tópico* podem ser identificados a partir do teste questão/resposta (cf. ZUBIZARRETA (1998)). O elemento que responde à questão corresponde a uma nova informação e recebe a função de foco. O elemento introduzido pela questão tem função de tópico e traz uma pressuposição ou informação dada pelo contexto.

(3) A: Onde estão os livros?

B: *Os livros* estão NA MESA.

Em (3), o sintagma representado pelas letras maiúsculas “NA MESA” tem a função do foco na sentença B, isso porque traz ao contexto uma informação nova, requerida pela questão em A. Já a pressuposição de “os livros estarem em algum lugar”, por ter sido inserida no diálogo a partir da pergunta em B e ser uma informação já dada pelo contexto, é denominada de tópico. Esses conceitos nortearão a pesquisa daqui em diante.

Sujeito em posição pós-verbal em português europeu

Costa (2000) busca explicar as possibilidades de ordem de palavras em português europeu. Segundo o autor, apesar do PE ser mais flexível em relação às possibilidades de ordem de palavras, a escolha de uso não é livre. Seguem abaixo as possibilidades lógicas de ordem de palavras apresentadas pelo autor (COSTA, 2000, p. 94), destas apenas (4)f não é possível em PE.

- (4)
- a. SVO
 - b. VSO
 - c. VOS
 - d. OVS
 - e. OSV
 - f. *SOV
- (5)
- a. O Paulo comeu a sopa.
 - b. Comeu o Paulo a sopa.
 - c. Comeu a sopa o Paulo.
 - d. A sopa comeu o Paulo.
 - e. A sopa o Paulo comeu.
 - f. *O Paulo a sopa comeu

Para este artigo nos interessa comparar as opções de ordem de palavras com sujeito pós-verbal em PE, suas diferenças e similaridades com o português brasileiro. Destaco, então, as ordens VSO e VOS representadas em (4)b, (4)c e (5)b, (5)c.

Para Costa (2000), o sujeito em sentenças com as ordens VSO e VOS ocupa a posição sintática de Spec de VP, diferentemente de sentenças SVO, cujo sujeito ocupa a posição de Spec de IP. Entretanto, apesar de em PE todas essas estruturas serem possíveis, elas não podem ocorrer livremente; o contexto determinará se certa ordem de palavra é adequada ou não. Cada ordem reflete uma função no discurso.

Segundo o autor, a ordem SVO é adequada em contextos nos quais o sujeito ou objeto sejam conhecidos dos participantes do diálogo. Sujeitos pós-verbais, no entanto, são possíveis apenas em contextos em que o sintagma com função de sujeito represente a informação nova da sentença. Nos casos em que o sujeito preceda o objeto, este último também deve representar informação nova.

- (6)
- a. O que o Paulo comeu?
 - a. O Paulo comeu A SOPA.
 - b. Comeu o Paulo A SOPA.
 - c. Comeu A SOPA, o Paulo.
 - d. Ele comeu A SOPA, o Paulo.

- (7) Quem comeu a sopa?
- a. O PAULO comeu a sopa.
 - #b. Comeu O PAULO a sopa.
 - c. Comeu a sopa, O PAULO.
 - #d. Ele comeu a sopa, O PAULO.

No contexto acima, em (7), as respostas (7)b e (7)d não são adequadas porque o que é informação dada está em posição pós-verbal em (7)b e o foco é co-referencial com um pronome na posição de sujeito em (7)d.

Por fim, Costa (2000) ressalta que há uma diferença entre sujeitos pós-verbais, que estão em Spec de VP, e sujeitos deslocados para a direita da sentença. Sujeitos deslocados para a direita são precedidos de uma pausa, enquanto sujeitos em Spec de VP, não.

- (8) Comeu a sopa # o Paulo,
(9) Comeu a sopa o Paulo.

Sujeito deslocado para a direita da sentença permite que seu local de origem seja preenchido por um pronome co-referencial, o que não pode ocorrer em contextos com sujeito pós-verbal.

- (10) Ele comeu a sopa # o Paulo.
(11) *Ele comeu a sopa o Paulo.

Nesta seção, pudemos observar, a partir do trabalho de Costa (2000), que em PE a posição de sujeito pós-verbal é canonicamente reservada a elementos com função informacional de foco, informação nova. Mais adiante, serão comparadas as características do português europeu com o PB, com a finalidade de identificar se sujeito em posição pós-verbal em PB necessariamente possui a função de informação nova ou informação dada pelo contexto.

Sujeito em posição pós-verbal em PB

Esta seção é reservada para apresentar alguns trabalhos em PB que já discutiram a posição de sujeito pós-verbal em língua e comparar com nossa proposta de que características semântico-pragmáticas licenciam elementos com função de tópico na posição pós-verbal.

Pezatti (1993), a partir de uma análise empírica, conclui que o português falado apresenta duas estruturas de ordem de palavras. A estrutura SV(O) e a estrutura VS(O). Segundo a autora, as ocorrências da ordem SVO não são predominantes no PB, portanto não é possível afirmar que nossa língua tenha exclusivamente a ordem SV(O).

Pezatti (1993) classifica os sintagmas sujeito de acordo com a posição que ocupa na sentença. Para essa pesquisa, interessa a classificação e as restrições levantadas pela autora de sintagmas sujeito na posição pós-verbal. A autora afirma que para ocupar a posição pós-verbal o sujeito deve apresentar alguns traços lexicais, como os apresentados

a seguir: ter papel temático neutro, não possuir função semântica; ser indefinido; ser não humano; ser não animado; ser novo no contexto. Esses traços são encontrados em sentenças VS que a autora chama de intransitivas não existenciais, como o exemplo abaixo.

(12) Morreram os dois no mesmo dia.

Para Pezzati (1993), um exemplo de sentença não existencial é a dada em (12), que descreve um episódio. Segundo a autora, apenas nesses casos, é possível ocorrer a ordem VS em PB. No entanto, podemos encontrar outros tipos de sentença que apresente o sujeito em posição pós-verbal. Toda a classe de verbos de alternância causativa pode apresentar a ordem sentencial VS ou SV.

- (13) a. João quebrou o vaso.
b. O vaso quebrou.
c. Quebrou o vaso

Na sequência em (13), o DP “o vaso” alterna em relação à posição sintática: na sentença (13)a está na posição de objeto, em (13)b, na posição de sujeito pré-verbal e em (13) ocupa a posição de sujeito pós-verbal. As características semânticas, entretanto, permanecem as mesmas.

Como vimos acima, para Pezzati (1993) um sujeito intransitivo pós-verbal deve apresentar os seguintes traços lexicais: papel semântico neutro, ou seja, não tem valor semântico, é menos definido, menos humano, menos animado. Observe, porém, o contexto abaixo:

- (14) A: O que o Paulo comprou?
B: Comprou um carro, o Paulo.

Em (14), o DP na posição de sujeito pós-verbal possui papel semântico de agente. Além disso, o sujeito “o Paulo” é definido, possui traço + humano e + animado, contrariando a afirmação da autora. Há casos em que realmente um elemento com traço mais animado não pode ocupar a posição pós-verbal, entretanto não estão inseridos em um contexto que os licencia nessa posição.

- (15) a. #Caiu, o João.
b. #Machucou, o João
c. #Escondeu, o gato.

As sentenças em (15) demonstram que a posição de sujeito pós-verbal não é adequada para sintagmas com traços semânticos mais animados, o que evidencia a afirmação de Pezzati (1993) em relação aos traços [-ani] e [-hum]. Entretanto, como vimos no contexto anterior e investigaremos mais adiante, se houver um contexto que favoreça pragmaticamente essa posição, é possível haver sujeitos com traços mais humano e mais animado na posição pós-verbal. Um último traço identificado por Pezzati para sujeitos pós-verbais é o traço mais novo. Se considerarmos que o traço [+ novo] corresponde a

foco, não seria possível haver sentenças com sintagmas pós-verbais que apresentem função discursiva de tópico.

No entanto, a proposta deste artigo é que em PB é possível encontrar contextos em que o sintagma na posição de sujeito pós-verbal tenha a função informacional de tópico.

(16) A: Onde estão os livros?

B: ESTÃO NA MESA, *os livros*.

(17) A: O que aconteceu com o vaso?

B: QUEBROU, *o vaso*.

(18) A: O que o Paulo comprou?

B: Comprou UM CARRO, *o Paulo*.

Os contextos acima indicam que é possível em PB um elemento na posição pós-verbal ter a função discursiva de tópico **já que “os livros”, em (16), “o vaso”, em (17) e “o Paulo”, em (18)**, fazem parte do tópico da sentença, por terem sido inseridos pela pergunta. Entretanto, essa estrutura só é possível em casos licenciados pelo contexto, os quais veremos mais adiante.

Outra autora que investigou a ordem VS em PB é Kato (2000). Ela afirma que a ordem VS só é possível em PB em estruturas monoargumentais. Sentenças com mais de um argumento, segundo Kato, não são licenciadas para sujeito pós-verbal em PB. Alguns exemplos da autora para evidenciar essa afirmação:

(19) *Assinou o João uma carta.

(20) *Enviou o João uma carta ao presidente da associação.

Como demonstrado anteriormente, defendemos que é possível haver sentenças com sujeito pós-verbal em PB, desde que o contexto licencie. Essa proposta vale, inclusive, para sentenças com mais de um argumento (vide exemplo (18)). Entretanto, o contexto licenciará essa estrutura, como veremos na seção a seguir.

Kato (2000), ainda, afirma que ordem VS em português brasileiro é possível apenas em contextos nos quais o elemento pós-verbal tenha a função de foco, seja ele foco largo, no qual toda a sentença tenha a função de foco, ou foco estreito, em que um constituinte recebe a função de foco.

(21) A: O que aconteceu?

B: TELEFONOU UM ESTRANHO.

(22) A: Quem telefonou?

(B: Telefonou O PEDRO.

Entretanto, como já levantamos anteriormente, essa posição pós-verbal, diferentemente do português europeu, não é exclusiva para elementos que representem informação nova ou foco no contexto em PB. Há contextos que licenciam elementos com função de tópico nessa posição.

Na seção a seguir, identificaremos quais contextos são apropriados para a estrutura SVO ou SOV em PB nas quais o elemento pós-verbal faça parte do tópico da sentença.

Tópico em posição pós-verbal em PB: uma explicação semântico-pragmática **Tópico pós-verbal em inglês (CARLSON, 1983)**

Pudemos ver até aqui que em português europeu, segundo Costa (2000), sintagmas na posição pós-verbal podem ocorrer somente em contextos cujo sujeito tenha a função de foco, ou informação nova. Para o português brasileiro, Pezatti (1993) e Kato (2000) defendem que em apenas em alguns casos é possível ter a ordem VS em PB. No entanto, pudemos observar que sujeitos na posição pós-verbal podem ocorrer mesmo em casos nos quais as autoras acima citadas afirmam não ser possível. Entretanto, nossa proposta nessa seção é comprovar que tal estrutura pode ocorrer em PB.

Antes de fazer a discussão dos contextos em PB, apresentaremos explicação de Carlson (1983) para o deslocamento à direita em PB. Também será apresentada brevemente a teoria de Roberts (1996) que apresenta uma explicação formal para a estrutura discurso. Ambas servirão de base para a nossa explicação do tópico pós-verbal em PB.

Carlson (1983) defende que em inglês os sintagmas deslocados para a direita da sentença confirmam o tópico da conversação, ou seja, tais sintagmas já apresentavam no contexto a função discursiva de tópico e se mantiveram na mesma função. Sintagmas deslocados à direita da sentença em inglês, segundo o autor, não podem indicar um novo tópico no discurso.

(23) A: What about your nerves?

B: He's beginning to get on my nerves, that dog.

(24) A: What depresses you?

B: This depresses me, this room.

Os exemplos dados acima, apresentados por Carlson (1983), demonstram que em inglês apenas em contextos que o sujeito já tem a função de tópico no contexto pode ser deslocado para a direita da sentença. O autor não apresenta um contexto anterior para mostrar claramente que os elementos deslocados à direita nos exemplos acima já estavam presentes no diálogo. Entretanto, pela presença dos pronomes demonstrativos, tanto em (23) quanto em (24), podemos considerar que os elementos deslocados foram inseridos deitadamente no contexto. Dessa maneira, “that dog”, em (23), e “this room”, em (24), são conhecidos entre os participantes do diálogo. Segundo Carlson (1983), o deslocamento à direita tem a função de confirmar um tópico já existente e destacá-lo no diálogo. Mais adiante, observaremos se em PB a função de deslocamento de tópico à direita da sentença também é confirmar um tópico que já está disponível no contexto.

Estrutura da informação (ROBERTS, 1996)

Outra proposta que será importante para dar uma explicação pragmática ao fenômeno aqui estudado é a teoria de Roberts (1996). A autora explora tal tema não apenas pelo enunciado dado pelo discurso, mas sim pelo que está por trás deste: o que motivou e o que levou o falante a proferir determinada sentença. Roberts (1996) assume com Carlson (1983) que todo discurso é organizado em relação a perguntas e respostas, sejam elas implícitas ou explícitas.

Segundo Roberts (1996), o objetivo dos participantes de determinado diálogo é compartilhar informações sobre o mundo. Segundo Stalnaker (1978), esse objetivo está voltado para responder à “grande questão” (*big question*): “Como as coisas são?” (*What is the way things are?*). No entanto, em uma conversa não é possível responder completamente a tal questão. Então, os falantes se utilizam da estratégia de responder a sub-questões relacionadas a essa questão maior.

Os participantes da conversa, primeiramente, aceitam a questão mais imediata que está em discussão, que Roberts chama de *questão sob discussão (QUD)*, e tendem a buscar uma resposta para ela. Respondendo à questão sob discussão, o falante responde parcialmente à grande questão.¹

Para formalização de questões, interessa-nos os conceitos *Q-alternative set*, de Hamblin (1973), e de *respostas parciais e completas* Groenendijk e Stokhof (1984). Ambos são assumidos por Roberts como base teórica para a semântica de perguntas. Para Hamblin (1973), uma questão denota um conjunto de proposições. Observe a seguinte questão.

(25) Quem chegou?

A pergunta acima tem sua denotação semântica formada por um conjunto de proposições possíveis para respondê-la. Suponhamos que o domínio do contexto acima seja formado por três indivíduos: os alunos, os professores, os funcionários. O conjunto de alternativas da questão em (25) será o seguinte conjunto de proposições: {Os alunos chegaram, os professores chegaram, os funcionários chegaram}². A denotação formal de (25), então, é a seguinte:

(26) [[Quem chegou?]] = {Os alunos chegaram, os professores chegaram, os funcionários chegaram}

Os participantes do discurso, ao ouvirem a questão e aceitá-la, buscam, dentro das alternativas acima, uma resposta adequada para ela. Groenendijk e Stokhof (1984) definem dois tipos de respostas possíveis: completa ou parcial. Uma *resposta parcial* para determinada questão é uma proposição que contextualmente envolve avaliação de verdadeiro ou falso para pelo menos um elemento do conjunto de alternativas dessa questão. Uma *resposta completa*, por sua vez, é uma proposição que contextualmente envolve uma avaliação para cada elemento do conjunto de alternativas. Vejamos o exemplo abaixo:

¹ A questão sob discussão faz uma partição no *context set* em mundos em que cada asserção das alternativas de resposta é verdadeira. Se a asserção é aceita, o *context set* diminui.

² Neste trabalho, assumimos aleatoriamente os elementos que pertencem ao domínio.

(27) Os alunos chegaram?

Imaginemos que temos no contexto os três conjuntos de alunos: os alunos do primeiro ano, os alunos do segundo ano, os alunos do terceiro ano. Esses fazem parte do conjunto de alunos dado pela questão (27). Nesse contexto, a denotação semântica para (27) é dada a seguir:

(28) [[Os alunos chegaram?]] = {Os alunos do primeiro ano chegaram; Os alunos do segundo ano chegaram; Os alunos do terceiro ano chegaram}

Se o falante responde com uma das proposições do conjunto de alternativas dado acima, como, por exemplo, em (29), abaixo, ele dá uma resposta parcial à questão (27). Se a resposta for (30), temos uma resposta completa para tal questão.

(29) Os alunos do primeiro ano chegaram.

(30) Sim, ~~os alunos chegaram~~.³

A resposta (29), segundo a teoria de Groenendijk e Stokhof (1984), é uma resposta parcial para (27), porque avalia como verdadeira ou falsa ao menos uma das proposições de (28). No caso, a proposição “Os alunos do primeiro ano chegaram” é avaliada como verdadeira, ficando as demais sem avaliação. A sentença em (30), por sua vez, representa uma resposta completa para (27) porque avalia todas as proposições de (28) como verdadeiras.

A teoria da estrutura informação apresentada por Roberts (1996), que considera que o diálogo está organizado para responder perguntas, sejam elas completas ou parciais, juntamente com a relação sub-questão/super-questão e as estratégias de resposta utilizadas pelos falantes, subsidiarão nossa análise do fenômeno de tópico pós-verbal.⁴

Tópico pós-verbal e a estrutura da informação

Retomemos aos nossos contextos, já apresentados no início do artigo e repetidos a seguir, por conveniência. Os contextos com maior incidência de tópico em posição posterior ao verbo são aqueles que apresentam alternância causativa. Segue, abaixo, um exemplo de contexto com verbo de alternância causativa/incoativa:

(31) A: O que aconteceu com o vaso?

B: QUEBROU *o vaso*.⁵

³ A resposta está representada como a afirmação “sim”, pois em PB, raramente ao responder completamente uma questão, o falante pronuncia a sentença completa. A não ser casos que apresentem entonação peculiar, estes não serão tratados no presente trabalho.

⁴ Outro autor que apresenta uma proposta na mesma linha de Roberts para explicar o fenômeno do foco e tópico, em especial o tópico contrastivo é Büring (1999, 2003).

⁵ Os constituintes destacados em caixa alta possuem a função discursiva de foco na sentença. Os constituintes em itálico, por sua vez, fazem parte do tópico discursivo da sentença.

No diálogo acima, ao ser questionado por A sobre o que aconteceu com o vaso, o falante B faz uso da estratégia de destacar a informação requerida, o foco, deixando o elemento já disponível no discurso para o final da sentença. Dessa forma, o falante em B coloca em evidência o fato de que o vaso quebrou e confirma o tópico do diálogo, que é o vaso. A semântica da pergunta em (31)A é o conjunto de proposições disponíveis para a resposta em B.

(32) [[O que aconteceu com o vaso?]] = {*O vaso quebrou, o vaso trincou, o vaso descascou*}

O conjunto acima indica que o elemento “o vaso” permanece em todas as proposições disponíveis, o que indica que tal elemento representa o elemento dado pelo contexto. Isso o licencia a ser deslocado para a direita do verbo, deixando o elemento de foco em posição de evidência.

Observemos um contexto em que o elemento pós-verbal não tenha sido mencionado no contexto prévio:

(33) A: O que aconteceu?
B: ?QUEBROU O VASO.

A resposta em B parece não ser a mais natural. Isso indica que uma sentença na qual o sujeito deslocado para a direita da sentença faça parte do tópico é mais natural do que um contexto como o acima, que não afirma o tópico. A sentença acima, em B, apresenta foco largo, em que toda ela tem marcação de foco. Vejamos se a marcação de foco recai sobre o constituinte à direita.

(34) A: Que barulho foi esse. O que quebrou?
B: #*Quebrou* O VASO.

Mesmo que a marcação de foco recaia sobre o elemento à direita, em que a informação nova é o vaso e não mais o fato de que ele tenha quebrado, a sentença não é adequada. Diante disso, podemos considerar que sintagmas que já tenham sido mencionados no contexto são licenciados para serem deslocados para a direita da sentença.

Observamos até aqui um contexto monoargumental de alternância causativa. Vejamos, a seguir, se um contexto de verbo não argumental pode apresentar a estrutura de tópico pós-verbal.

(35) A: Onde estão os livros?
B: ESTÃO NA MESA, *os livros*.

No contexto em (35), o constituinte deslocado para a direita da sentença, “os livros” tem a função de tópico, pois já tinha sido inserido pela pergunta. Ao pronunciar o constituinte sujeito no final da sentença, o falante deseja destacar ou recuperar um tópico já existente. A semântica da pergunta acima é a seguinte:

(36) [[Onde estão os livros?]] = {*Os livros estão na mesa, os livros estão na estante, os livros estão no carro*}

Em (35), em um contexto no qual o verbo não é causativo, também é possível haver o deslocamento do sujeito tópico para a posição à direita do verbo. O que indica que não são apenas sentenças com verbos de alternância causativa que permitem a estrutura VS em PB. Se a pergunta for mais geral, entretanto, a resposta com o sujeito deslocado para a direita da sentença não é apropriada.

(37) A: O que aconteceu?

B: #ESTÃO NA MESA, OS LIVROS.

Diferentemente de sentenças com verbos de alternância causativa, em que o deslocamento à direita em contextos de foco largo é menos natural, mas não inapropriado, no diálogo acima, a resposta VS em um contexto de foco largo não é aceitável. O mesmo ocorre em um contexto no qual o elemento deslocado à direita tenha a função discursiva de foco.

(38) A: O que tá ali na mesa?

B: #Estão na mesa, OS LIVROS.

A resposta acima, em que o sintagma “os livros” possui a função de foco, não é adequada para responder à pergunta em A.

Outras duas características levantadas por Pezatti (1993) é que só podem assumir a posição pós-verbal sujeitos que possuam traço menos animado e menos humano. Entretanto já vimos anteriormente contextos cujo sujeito deslocado para a direita da sentença é animado e humano. Observe o diálogo a seguir.

(39) A: O que o Paulo fez ontem?

B: CORREU, *o Paulo*.

No diálogo acima, imaginemos que o Paulo é uma pessoa bastante ativa e pratica diversos tipos de atividade física. Dentre elas, o falante B destaca a atividade de correr e reafirma o tópico da sentença o deslocando para a direita do verbo. O sintagma “o Paulo” faz parte do tópico do diálogo. Portanto está presente em todas as proposições disponíveis, como podemos observar na semântica da pergunta (39)A dada a seguir:

(40) [[O que o Paulo fez ontem?]] = {*O Paulo correu, O Paulo malhou, o Paulo nadou*}

Ainda, em observação a contextos nos quais o sujeito pode ocorrer à direita do verbo na sentença, Kato (2000) afirma que apenas sentenças com verbos monoargumentais podem apresentar ordem VS em PB. Entretanto, também levantamos sentenças nas quais o verbo apresente mais de um argumento como a exemplificada a seguir:

(41) A: O que o Paulo comprou?

B: Comprou UM CARRO, *o Paulo*.

Sentenças com mais de um argumento como a apresentada em (41) também são licenciadas para terem o sujeito deslocado para a direita da sentença, desde que o elemen-

to deslocado faça parte do tópico da discussão e esteja presente em todas as proposições do conjunto dado pela semântica da pergunta. A semântica de (41)A apresenta em todas as suas proposições o indivíduo “o Paulo”.

- (42) [[O que o Paulo comprou?]] = {*O Paulo comprou um carro, O Paulo comprou uma casa, O Paulo comprou uma bicicleta*}

Se o elemento deslocado não fizer parte do tópico ou ainda ser o foco da sentença, o deslocamento à direita é inadequado, como podemos observar nos diálogos abaixo.

- (43) A: O aconteceu?
B: #COMPROU UM CARRO, O PAULO.

- (44) A: Quem comprou um carro?
B: #Comprou um carro, O PAULO.

Os contextos acima são inadequados. Entretanto, se houver uma entoação peculiar, pode ser que a resposta em (43) seja apropriada. Porém, não será possível explorar o papel da entonação nesses tipos de contexto no presente artigo. Deixemos essa pauta para pesquisas futuras.

Até o momento, observamos apenas contextos nos quais há um diálogo e a sentença com tópico pós-verbal representa uma resposta para a pergunta explicitamente dada. Além desses casos, podemos perceber que, mesmo em contextos nos quais não haja uma pergunta explícita, é possível haver o deslocamento do sujeito à direita da sentença, desde que o sujeito seja tópico e esteja em evidência. Observe alguns contextos a seguir.

- (45) [Pessoa contando sobre um filme que assistiu, no qual havia um cientista]

A: MORRE, *o cientista*.

- (46) [Depois de experimentar o café]

A: TÁ SEM AÇÚCAR, *o café*.

Nos exemplos acima, não há uma pergunta explicitada. Entretanto o sintagma deslocado, tanto no primeiro contexto (45), quanto no segundo, em (46), o elemento à direita do verbo já estava disponível no contexto. No primeiro, a conversa estava em torno do cientista e ele já havia sido mencionado várias vezes na conversa. No segundo, por sua vez, mesmo que o elemento “o café” não tenha sido mencionado linguisticamente, ele está presente no cenário em que ocorre o discurso. Dessa maneira, podemos considerar que há uma pergunta implícita para cada um dos contextos que norteiam o discurso. Para a sentença em (45), a pergunta implícita pode ser considerada “O que acontece com o cientista no final do filme?”. Para (46), a pergunta é “Como está o café?”. Diante disso, consideramos que a semântica das perguntas que norteiam os discursos (45) e (46) são representadas, respectivamente, como segue:

- (47) [[O que acontece com o cientista no final do filme?]] = {*O cientista morre, O cientista salva o mundo, O cientista se casa com a mocinha*}

(48) [[Como está o café?]] = {*O café* está sem açúcar, *O café* está frio, *O café* está quente}

Pudemos ver com esses dois últimos exemplos que não é necessário haver uma pergunta explícita para que uma sentença com tópico pós-verbal seja adequada. Basta que o elemento deslocado à direita seja conhecido dos participantes, seja por ter sido mencionado no discurso anterior, seja por estar presente no cenário do diálogo por elementos extralinguísticos.

O contexto em (45) parece não ser o mais natural, apesar de ser possível. Uma sentença mais natural seria aquela na qual a posição de sujeito é preenchida por um pronome resumptivo, como podemos observar a seguir.

(49) [Pessoa contando sobre um filme que assistiu, no qual havia um cientista]

A: Ele MORRE, *o cientista*.

A estrutura acima é possível e bastante presente no português brasileiro. Os contextos dados anteriormente também podem apresentar sentenças com a posição original do sujeito preenchida com um pronome, como podemos observar a seguir.

(50) A: Onde estão os livros?

B: Eles ESTÃO NA MESA, *os livros*.

(51) A: O que o Paulo fez ontem?

B: Ele CORREU, *o Paulo*.

(52) A: O que o Paulo comprou?

B: Ele comprou UM CARRO, *o Paulo*.

Entretanto, em dois casos dos que vimos no presente artigo, o preenchimento do pronome parece inadequado: sentenças com verbo de alternância causativa e contextos nos quais o elemento à direita do verbo não tenha sido mencionado explicitamente.

(53) A: O que aconteceu com o vaso?

B: #Ele QUEBROU *o vaso*.

(54) [Depois de experimentar o café]

A: #Ele TÁ SEM AÇÚCAR, *o café*.

Os motivos de alguns contextos serem mais apropriados com o preenchimento do pronome e outros serão objeto de investigação em pesquisas posteriores, já que infelizmente no presente artigo não foi possível investigar a fundo as restrições do preenchimento do pronome resumptivo na posição original do sujeito em sentenças nas quais esse tem função de tópico e é deslocado à direita da sentença. Deixemos essa investigação, bastante interessante, para pesquisas futuras.

Algumas conclusões

A partir dos contextos levantados neste artigo, pode-se afirmar que, em PB é possível haver uma sentença com estrutura V(O)S, na qual o sujeito ocupa a posição após o verbo da sentença e tem a função de tópico. Essa estrutura é licenciada a partir do contexto em que a sentença está inserida. A possibilidade de um constituinte com função de tópico ocupar uma posição posterior ao verbo difere do português europeu, já que o PE permite apenas sintagmas com função de foco em posição pós-verbal.

O falante faz uso dessa estrutura como uma estratégia de posicionar a informação nova em uma posição privilegiada da sentença, seu início, e para reafirmar o tópico da discussão. Para isso, o sintagma deslocado à direita precisa ter sido mencionado explícita ou implicitamente no discurso.

O elemento deslocado à direita precisa estar presente em todas as proposições dadas pelo conteúdo semântico da pergunta em discussão, que norteia o discurso, seja ela feita explicitamente ou dada implicitamente pelo contexto.

Por fim, podemos afirmar que em português brasileiro a ordem SVO é permitida graças à articulação da estrutura informacional, em que elementos semântico-pragmáticos licenciam estruturas sintáticas como essa.

REFERÊNCIAS

- BÜRING, D. Topic. In: BOSCH, P.; VAN DER SANDT, R. (Ed.) *Focus: Linguistic, Cognitive, and Computation Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 142-165.
- BÜRING, D. On D-trees, beans, and B-accent. *Linguistics & Philosophy*, n. 26, v. 5, p. 511-545, 2003.
- CARLSON, L. *Dialogue Games: An approach to discourse analysis*. Dordrecht, Holland: D. Reidel Publishing Company, 1983.
- CHOMSKY, N. Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation. In: STEINBERG, D.; JAKOBSON L. (Ed.) *Semantics: An Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. p. 183-216.
- COSTA, J. Word order and discourse configurability in European Portuguese. In: COSTA, J. (Ed.). *Portuguese Syntax: New comparative Studies*. Oxford University Press, 2000. p. 94-115.
- ERTESCHIK-SHIR, N. *Information Structure: The Syntax-Discourse Interface*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- GROENENDIJK, J.; STOKHOF, M. Studies on the Semantics of Questions and the Pragmatics of Answers. Tese (Doutorado) – University of Amsterdam, Amsterdam, 1984.
- HAMBLIN, C. Questions in Montague English. *Foundations of Language*, v. 10, p. 41-53, 1973. (Reprinted in Partee. B. (ed.) (1976) *Montague Grammar*, Texas: University of Texas Press).
- KATO, M. A. A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil. *Fórum Linguístico*, n. 2, p. 97-127, out./dez. 2000.

PEZZATTI, E. G. A ordem de palavras e o caráter nominativo/ergativo do português falado. *Alfa*, São Paulo, n. 37, p. 159-178, 1993.

ROBERTS, C. Information Structure in Discourse: Towards an Integrated Formal Theory of Pragmatics. In: YOON, J. H.; KATHOL, A. (Ed.) *OSU Working Papers in Linguistics 49: Papers in Semantics*, 1996. p. 91-136.

STALNAKER, R. Assertion. In: COLE, P. (Ed.) *Pragmatics: Syntax & Semantics*. Vol. 9. New York: Academic Press, 1978. p. 315-332.

ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, Focus, and Word Order*. Cambridge MA: MIT Press, 1998.